



# BOLETIM

---

# GEOCORRENTE

ANO 5 • Nº 108 • 10 DE DEZEMBRO DE 2019

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

#### NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

#### CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE poderão ser encontrados na home page da EGN:

[https://www.marinha.mil.br/egn/boletim\\_geocorrente](https://www.marinha.mil.br/egn/boletim_geocorrente)



**DIRETOR DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL**  
EDGAR LUIZ SIQUEIRA BARBOSA

**CONSELHO EDITORIAL**  
EDITOR RESPONSÁVEL  
LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

**SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS  
GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL**  
MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

**EDITOR CIENTÍFICO**  
FRANCISCO EDUARDO ALVES DE ALMEIDA (EGN)

**EDITORES ADJUNTOS**  
JANSEN COLI CALIL NASCIMENTO ALMEIDA DE OLIVEIRA (EGN)  
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)  
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)  
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

## PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

### ÁFRICA SUBSAARIANA

DAVID SEVERO PEREIRA FRANÇA PINTO (UERJ)  
FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)  
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)  
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)  
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

### AMÉRICA DO NORTE E CENTRAL

ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)  
CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-RIO)  
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)  
VICTOR CABRAL RIBEIRO (UFRJ)  
VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

### EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)  
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)  
GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)  
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)  
MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)  
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)  
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

### ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)  
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)  
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)  
SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)  
TAYNARA RODRIGUES CUSTÓDIO (EGN)

### SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)  
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)  
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

### TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)  
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

### AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHESS)  
BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)  
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)  
GABRIELA DE ASSUMPÇÃO NOGUEIRA (UFRJ)  
JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)  
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

### ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)  
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)  
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)  
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)  
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

### LESTE ASIÁTICO

ELY PEREIRA DA SILVA JÚNIOR (UERJ)  
JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)  
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)  
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)  
RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)  
VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

### RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)  
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)  
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)  
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

### SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)  
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)  
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

# ÍNDICE

## AMÉRICA DO SUL

- O Brasil modernizando sua Força de Submarinos..... 4
- Protestos na Colômbia: mais um fator de crise na América do Sul?..... 4

## AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

- Um ano de López Obrador: aceno à iniciativa privada e crise na segurança pública ..... 5

## ÁFRICA SUBSAARIANA

- Interesse estadunidense em entrar na CPLP como membro observador..... 5
- Cooperação em defesa e a presença sino-russa no Atlântico Sul ..... 6

## EUROPA

- Narcossubarino é apreendido pela primeira vez na Europa ..... 6
- Turquia insiste em explorar gás no Chipre e cria clima de tensão com a União Europeia ..... 7

## ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

- O posicionamento do Catar frente às inseguranças regionais e a proximidade com a Turquia..... 8

## RÚSSIA & Ex-URSS

- O Kinzhal, o Avangard e as forças estratégicas nucleares na inserção internacional da Rússia ..... 8

## LESTE ASIÁTICO

- Os principais impactos da mudança na estratégia marítima chinesa ..... 9

## SUL DA ÁSIA

- A importância da Indústria de Defesa na parceria indo-russa ..... 10

## SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

- A Grande Muralha Marítima da China: o papel das Ilhas Artificiais ..... 10

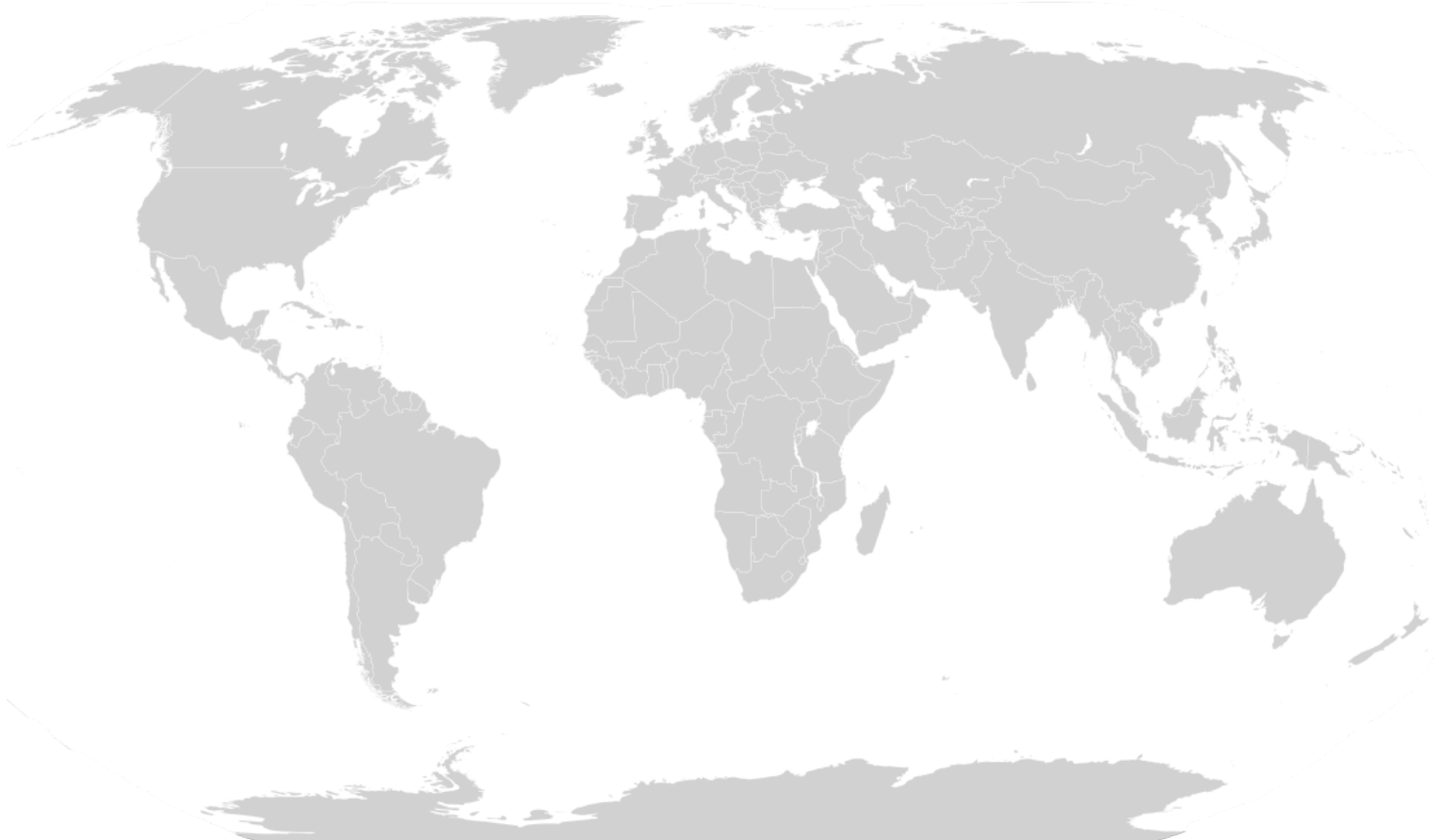
## ÁRTICO & ANTÁRTICA

- A extensão da Zona Econômica Exclusiva russa: velhas questões, novos desdobramentos ..... 11

## TEMAS ESPECIAIS

- A ameaça global da poluição por plásticos ..... 12
- Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa..... 13
- Calendário Geocorrente..... 13
- Referências..... 14

## REGIÕES ABORDADAS NESTA EDIÇÃO



Clique no círculo para ser redirecionado ao texto relacionado

## O Brasil modernizando sua Força de Submarinos

Gabriela Nogueira e Jéssica Germano

Em outubro de 2019, a Marinha do Brasil (MB) confirmou sua disposição em comercializar dois submarinos *IKL-209*, da classe Tupi. A MB indicaria, assim, sua prioridade por classes mais modernas, evidenciando a busca pela expansão do conhecimento técnico-científico na construção de submarinos. Os governos da Argentina, do Peru e da Polônia manifestaram interesse em adquirir as embarcações, que estão paradas aguardando manutenção.

Os submarinos da classe Tupi fazem parte de uma importante fase para a MB, sendo resultado de um projeto nacional de desenvolvimento da Indústria de Defesa Naval dos anos 1980. Durante esta década, o Brasil marcou o início da sua modernização naval por meio da cooperação técnica com o estaleiro alemão *HDW*, que resultou na construção do Tupi (S30). Na década seguinte, a MB consolidou sua qualificação na construção de submarinos, com o primeiro construído totalmente no país, o submarino Tamoio (S31), incorporado em dezembro de 1994. Em seguida, o Timbira (S32) e o Tapajó (S33), entregues em dezembro de 1999.

O Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB) representa o novo marco de inovação, competitividade e desenvolvimento de tecnologia militar brasileira. Como parte da parceria estratégica com a França, firmada em 2008, a previsão é a construção de quatro submarinos convencionais e um quinto com propulsão nuclear, tendo como referência o projeto

da classe *Scorpène* francesa. O PROSUB é o maior e também o mais caro programa de tecnologia militar das FA brasileiras, orçado em cerca de R\$35 bilhões. O submarino Riachuelo (S40), o primeiro da nova classe, se encontra em testes de mar com previsão de entrega ao setor operativo em 2020. Os submarinos Humaitá (S41), Tonelero (S42) e Angostura (S43) devem ser entregues até o final de 2022.

Em âmbito regional, Argentina (2), Equador (2), Peru (5) e Venezuela (2) possuem submarinos de propulsão convencional com mais de 30 anos de operação. O Chile possui dois submarinos convencionais *IKL* dos anos 1980 e dois da classe *Scorpène* francesa, lançados em 2005 e 2006. A Colômbia também possui quatro submarinos convencionais, sendo dois dos anos 1970 e dois que chegaram em 2016, todos construídos na Alemanha.

No caso do submarino de propulsão nuclear, previsto para ser lançado ao mar até 2030, terá a possibilidade de percorrer distâncias mais longas em menos tempo e com maior autonomia operacional, características chave para países com extenso litoral. Com essa conquista, o Brasil entrará no patamar dos poucos países do mundo que operam submarinos de propulsão nuclear (Estados Unidos, Rússia, China, Reino Unido, França e Índia). Estes países também possuem armas nucleares e capacidade de lançar mísseis balísticos nucleares a partir de um submarino, o que não será possível no caso brasileiro.

## Protestos na Colômbia: mais um fator de crise na América do Sul?

Adriana Escosteguy e Beatriz Mendes

A atual crise política colombiana, culminada com os reveses gerados pelas sucessivas paralisações e protestos que tomaram conta das principais cidades desde o final de novembro, ganhou um novo e sintomático capítulo. Protagonizado pelos movimentos sociais e com forte motivação antigoverno, as reivindicações incorporam o quadro de instabilidade democrática pelas quais diversos países sul-americanos vêm passando nos últimos meses.

Assim como ocorre no Chile e no Equador, uma das principais causas da convulsão social na Colômbia é a estagnação econômica que atinge diversos setores sociais no país, sendo apuradas com as discussões que giram em torno da implementação das reformas trabalhista e previdenciária, altamente impopulares.

Ademais, o governo do presidente Ivan Duque, iniciado em agosto de 2018, tem de gerenciar as insatisfações com problemas estruturais do país, sobretudo antigas questões de segurança, ainda longe

de serem superadas. Nesse sentido, o impasse gerado pelos termos de implementação do Acordo de Paz firmado em 2016, que vem dificultando o processo de recuperação de territórios anteriormente tomados pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), corrobora o aumento da violência em regiões fronteiriças. Tal incremento dos conflitos é provocado principalmente pela ação de grupos paramilitares, entre eles dissidentes das FARC e membros do Exército de Libertação Nacional (ELN). Esses obstáculos dificultam a formulação de uma política nacional de segurança coesa, além da necessidade de proteção e exploração de recursos naturais, como petróleo, minério e água potável.

Externamente, o maior desafio de segurança do governo se relaciona com as tensões com a Venezuela, evidenciadas pela crise fronteiriça que teve seu ápice em setembro de 2019, que segue sem uma efetiva resolução política frente à crescente militarização na região, que destaca a urgência em criar mecanismos bilaterais de »

monitoramento e defesa. É importante mencionar que a Colômbia recebeu mais de um milhão de refugiados venezuelanos, cuja crise neste país parece longe de ter um fim, o que só tende a aumentar a tensão entre os dois países.

Assim, adiciona-se tal crise ao descontentamento

crescente da população, que vem gerando uma série de impactos na política interna da Colômbia, o que conseqüentemente concorre para a deterioração da capacidade de convergência política e econômica dos países sul-americanos frente aos desafios geopolíticos atuais.

## AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

### Um ano de López Obrador: aceno à iniciativa privada e crise na segurança pública

*Victor Cabral*

Em 1º de dezembro de 2019, o presidente mexicano Andres Manuel López Obrador completou um ano no poder. Recentemente, o país ganhou destaque internacional pela crise de segurança pública decorrente da prisão e soltura de Ovidio Guzmán, um dos líderes do Cartel de Sinaloa ([Boletim 106](#)), e também por ter concedido asilo político ao ex-presidente boliviano Evo Morales, que renunciou após fortes protestos por sua contestada reeleição.

Na economia, Obrador promoveu uma agenda de corte de salários do governo e criação de programas de formação e emprego para jovens. Mas isso foi insuficiente para manter investimentos estrangeiros no país, cuja saída contribuiu para uma retração de 0,1% no PIB do primeiro semestre e uma previsão de crescimento zero em 2019. Visando cumprir uma das metas de governo de fazer a economia crescer mais de 4% ao longo de seis anos de mandato, o presidente lançou, em novembro, um plano de investimento conjunto com o setor privado, orçado em mais de US\$ 44 bilhões. Os investimentos vão para infraestrutura de transportes, energia, turismo e telecomunicações, além de contarem com forte apoio do empresariado, liderado pelo homem mais rico do México, Carlos Slim.

Apesar da esperança de melhora na economia, o

governo de Obrador termina seu primeiro ano com o agravamento dos casos de homicídio, com 2019 podendo figurar como o ano mais violento do século no país, registrando-se mais de 35.000 assassinatos. O agravamento da violência é decorrente da fragmentação de grupos de narcotraficantes e falhas nas políticas de segurança pública de seus antecessores, refletindo-se na queda de popularidade do presidente de 80% para 60% de aprovação nas últimas pesquisas.

A violência dos narcotraficantes estremece as relações com o principal parceiro do país, os Estados Unidos. Recentemente, o presidente Donald Trump declarou que pretende reconhecer os cartéis mexicanos como “organizações terroristas”, abrindo margem para intervenção de suas forças de segurança no país vizinho, situação que o governo mexicano teme e rechaça. A boa relação entre os dois países é chave para o contexto político e econômico da região, já que a economia mexicana depende, em grande parte, das exportações para os EUA, enquanto se transformou em uma extensão da política migratória estadunidense, funcionando como porta de entrada dos fluxos migratórios originários da América Central. Um México em crise econômica e social tende a aumentar a instabilidade na região, em especial na fronteira com os EUA.

## ÁFRICA SUBSAARIANA

### Interesse estadunidense em entrar na CPLP como membro observador

*David Severo*

O governo de Washington recentemente oficializou o pedido para ingressar na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) como membro observador. Atualmente, a organização conta com dezoito membros dessa categoria e os EUA seriam o décimo nono. O embaixador de Cabo Verde, Eurico Monteiro, comunicou o pedido dos EUA para o ingresso. Os outros membros não se opuseram ao pedido, o que já caracteriza um sinal de prosseguimento. Além disso, países como Catar, Peru, Romênia e Costa do Marfim também manifestam interesse em integrar futuramente a CPLP. Tendo em vista o aumento dos membros observadores nos últimos anos, a organização estuda a implementação de uma mudança em seu estatuto a partir de 2020.

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa foi criada em 1996, dentre outros motivos, para garantir maior concertação política e cultural entre os países de língua portuguesa pelo mundo, que configuram cerca de 280 milhões de pessoas. Atualmente, a organização conta com nove membros plenos: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Guiné Equatorial. No ano de 2005, em Luanda, decidiu-se, por meio de um Conselho de Ministros, a divisão entre as categorias de membro associado e de membro observador. O processo, que garante a admissão de um novo país inclui: sinalização positiva dos componentes da CPLP, além do cumprimento de algumas regras práticas como o respeito aos direitos »

humanos e à democracia.

Os EUA já haviam, há algum tempo, manifestado interesse em aproximar-se mais dos países lusófonos. A justificativa oficial para o posicionamento estadunidense é de que a comunidade lusófona no território americano, principalmente de brasileiros e portugueses, é grande, mas especialistas avaliam que o real interesse está numa maior aproximação com Cabo Verde e Guiné Bissau, dois importantes países na rota do narcotráfico da América do

## Cooperação em defesa e a presença sino-russa no Atlântico Sul

Em novembro de 2019, foi realizado um exercício naval entre China, Rússia e África do Sul, denominado MOSI, com a duração de cinco dias, em um dos pontos mais estratégicos do Atlântico Sul, o Cabo da Boa Esperança. Essa articulação militar é a primeira envolvendo os três países, além de ser o primeiro exercício em conjunto entre Rússia e China fora das suas regiões primárias de atuação no Oceano Pacífico. Segundo os participantes, o foco do exercício consiste no estreitamento de relações militares, desenvolvendo mais interoperabilidade entre as Marinhas, a fim de garantir a segurança do tráfego marítimo. Nesse sentido, ocorreram diversos treinamentos específicos de antipirataria durante o exercício. A China participou com a fragata lançadora de mísseis *Weifang* e a Rússia com o cruzador lançador de mísseis *Marshal Ustinov*, um rebocador de alto-mar da classe *Sliva* e um navio-tanque.

A África do Sul, juntamente com a China, a Rússia e outros países em desenvolvimento, tem empreendido esforços em relação à atual balança e concentração de poder no sistema internacional. Em discurso, o Contra-

Sul para Europa. Caso realmente consiga ingressar na CPLP (a próxima reunião dos Chefes de Estado ocorrerá em julho de 2020, em Angola), os EUA garantem o status de membro observador e poderão participar das reuniões, mas não terão a prerrogativa do voto. Como maior país do bloco, o Brasil deve estar atento ao interesse não apenas dos norte-americanos, mas também de qualquer outra grande potência mundial no interesse da organização.

Vivian Mattos

Almirante sul-africano Bubele Mhlana ressaltou que “o oceano é muito grande para só uma nação dominá-lo”. A efetivação deste exercício trilateral manifesta um novo patamar de articulação e cooperação militar entre os agentes participantes, além de representar projeção de poder da Rússia e da China, demonstrando capacidade de organização fora de seus respectivos entornos primários.

Ademais, é explícito o aumento das relações sino-russas no continente africano. A aproximação no âmbito de defesa com a África do Sul pode ser vista como mais uma porta de entrada desses *players* no continente como um todo. A atuação russa e chinesa na África vem do intuito de reforçar vínculos criados no período da Guerra Fria e do processo de descolonização africana, mas também de uma necessidade de ter acesso ao amplo mercado consumidor do continente, principalmente o mercado de armas, aos recursos naturais e às posições estratégicas africanas como o Cabo da Boa Esperança e o Estreito de Bab-el-Mandeb, onde a China possui uma base no Djibouti.

## EUROPA

### Narcossubarino é apreendido pela primeira vez na Europa

No dia 24 de novembro, autoridades espanholas na região da Galícia apreenderam no, porto de Alwan, um submarino semissubmersível de 22 metros carregando mais de três toneladas de cocaína. Dois membros da tripulação, de origem equatoriana, foram presos e de acordo com autoridades e a imprensa local, acredita-se que o carregamento possa ser originário da Colômbia. Estima-se que a embarcação tenha partido da Guiana, fazendo uma parada em Portugal antes de chegar à Espanha, quando foi inicialmente detectado e alertado às autoridades espanholas. A captura foi o resultado de uma operação conjunta entre Polícia Nacional, Guarda Civil e autoridades portuárias. A Espanha é historicamente a principal porta de entrada de drogas ilícitas no continente europeu.

Narcossubarinos são o principal meio de entrada da maioria das drogas ilegais nos Estados Unidos, mas não

Nathália do Vale



são comuns na Europa pelo seu custo de produção e a necessidade de uma localização remota para construção, como florestas. Em 2015, um local de construção do tipo foi encontrado no estado do Pará, no Brasil, produzindo um submarino de fibra de vidro. Esses semissubmersíveis são apelidados de “caixões” devido ao alto risco de navegá-los dadas suas condições precárias de fabricação e baixa instrução da tripulação.

O caso espanhol chama a atenção por ser o primeiro do tipo na Europa, o que representa uma evolução na capacidade de transporte dos cartéis de drogas no tráfico transatlântico. O comprimento da embarcação supracitada é duas vezes maior do que o padrão de narcossobmarinos, provavelmente devido à necessidade de mais combustível para o longo trajeto

ou mais espaço para a carga. O caso também comprova suspeitas anteriores sobre o uso de submarinos no tráfico transatlântico, quando, em 2006, outro semissubmersível foi encontrado abandonado em uma praia espanhola.

Essa apreensão traz novos e maiores desafios para o combate ao tráfico de drogas na Europa. Como mostra o caso espanhol, ações integradas entre diferentes forças são essenciais para o sucesso dessas operações. Além da necessidade de trabalho conjunto entre as forças de segurança de um mesmo país, essa apreensão também deve servir como alerta para maior integração e cooperação entre Marinhas e Guardas Costeiras dos países europeus, sobretudo dos que podem servir como porta de entrada para drogas.

## Turquia insiste em explorar gás no Chipre e cria clima de tensão com a União Europeia

*Dominique Marques*

No decorrer do mês de novembro, as divergências entre Turquia e União Europeia (UE) acerca da exploração de gás iniciada pelos turcos no Chipre ganharam destaque novamente. Em maio deste ano, a Turquia enviou um navio sonda para fazer explorações na costa do Chipre ([Boletim 97](#)), alegando que a zona de exploração também é pertencente à Turquia, uma vez que esta reconhece a República Turca do Chipre do Norte como um Estado independente.

Insistindo nesta exploração, a Turquia recebeu, no último dia 15 de novembro, ameaças de sanções da União Europeia, caso continuasse com estas operações. Os EUA posicionam-se da mesma maneira, como quando ameaçaram agir em favor de uma reunificação do Chipre ([Boletim 93](#)), caso a Turquia não interrompa suas ações.

Percebe-se uma tendência recente tanto da Turquia quanto da Rússia de retomada de seus papéis históricos quando eram impérios, à medida que o presidente Vladimir Putin busca ser uma espécie de novo czar russo e o presidente Tayyip Erdogan busca retomar um papel também de grande líder, um novo sultão. Não coincidentemente, ambos têm aproximado suas relações,

formando uma frente de poder em contraposição ao papel do Ocidente no Oriente Médio e Mar Mediterrâneo. Podemos notar este movimento também no próprio nome do navio-sonda turco que está no Chipre. Chamado *Fatih*, referência a Mehmed II, o sultão otomano que conquistou Constantinopla em 1453, tornando clara a abordagem turca de retomar aquilo que julga lhe pertencer.

Ao que parece, Erdogan está tentando retomar seu prestígio, que começou a decair nos últimos anos, em razão da situação econômica do país. A Turquia passa por uma séria crise econômica, com sua moeda desvalorizada, abalando a imagem do presidente. Cabe lembrar as sanções impostas pelos EUA, em 2018, a setores importantes para a economia turca, como o de aço e alumínio, que também causaram grande impacto. Sendo assim, a possibilidade de melhorar sua economia por meio de setores estratégicos como o gás, poderia reerguer a economia turca. Isto facilitaria sua capacidade de governabilidade, apesar da divisão tensa dentro do país no que concerne à sua aceitação ou negação como presidente, principalmente com as prisões em larga escala após a tentativa de golpe em 2016.



Fonte: TRT

## O posicionamento do Catar frente às inseguranças regionais e a proximidade com a Turquia

Ana Luiza Colares

No dia 28 de novembro, um oficial estadunidense informou que o Catar e o Kuwait irão se juntar à coalizão marítima liderada pelos Estados Unidos no Golfo Pérsico, denominada *International Maritime Security Construct* (IMSC), conhecida como *Sentinel Program*, em vigor desde julho do presente ano, da qual também participam Austrália, Bahrein, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Reino Unido (Boletim 104). Tal movimento foi compreendido como uma forma de cooperação com os atuais membros, traduzindo-se no deslocamento de contingente militar e embarcações de patrulha de ambos os países.

Com o centro de comando situado no Bahrein, a coalizão tem como objetivo combater qualquer interrupção do comércio marítimo regional das águas que circundam a Península Arábica. A decisão de formar uma coalizão surgiu após os incidentes que permearam a região do Golfo Pérsico neste ano. Ela visa a promoção de mais segurança das exportações de petróleo e demais mercadorias escoadas pelas águas do Golfo Pérsico, que transpassam o Estreito de Ormuz, sendo este um ponto focal de extrema importância econômica e geopolítica para a região.

Com a participação do Catar, é questionada a forma como o país protagoniza as questões de segurança regional, superando as disputas geopolíticas, uma vez que o país é isolado pelos demais vizinhos, os quais compõem a coalizão, desde 2014. Além disso, o país também é alvo de sanções, principalmente da Arábia Saudita, que fechou sua fronteira terrestre com o país em 2017. Citam-se, também, as relações estratégicas entre os cataris e a Turquia, que se traduzem por meio do Comitê Estratégico Catar-Turquia e são materializadas por uma

base turca no Catar, concluída no final de novembro. Tal parceria entre os países inclui 5.000 soldados turcos na supracitada base, com o objetivo, segundo o governo turco, de manter a segurança regional e promover os laços de amizade entre os dois países. Cabe salientar, contudo, que as relações políticas entre a Turquia e os dois países protagonistas da coalizão — Arábia Saudita e EUA — enfrentam momentos turbulentos desde o último ano (Boletins 83 e 90).

Desta forma, em paralelo a uma próxima relação militar e política com a Turquia, o posicionamento positivo do Catar perante a coalizão deve ser observado no que tange à participação de múltiplos atores da sociedade internacional, bem como o interesse de cada um destes por trás das atividades de monitoramento e segurança da região.



## RÚSSIA & Ex-URSS

### O Kinzhal, o Avangard e as forças estratégicas nucleares na inserção internacional da Rússia

Pérsio Glória de Paula

Recentemente, dois armamentos russos ganharam destaque nas notícias internacionais, o *Yu-71/Yu-74 Avangard*, que foi alvo de inspeções estadunidenses, e o *Kh47M2 Kinzhal*, que foi testado em novembro de 2019. Ambos são parte do conjunto de novas armas estratégicas apresentadas pelo presidente russo Vladimir Putin em março de 2018, até então consideradas um “blefe” do Kremlin por parte dos analistas ocidentais. Além de seu potencial estratégico e militar, estas duas armas também servem como ferramentas para distintos objetivos de inserção internacional russa.

O *Avangard* é um planador hipersônico capaz de

carregar ogivas nucleares e possuidor de inteligência artificial capaz de desviar de defesas antimísseis. Além de ser um meio de dissuasão estratégica, ele também é um elemento de política externa. Isso ficou em evidência quando as autoridades russas receberam inspetores estadunidenses, entre os dias 24 e 26 de novembro de 2019, para verificar o armamento pela primeira vez. A inspeção foi feita sob os auspícios do novo Tratado de Redução de Armas Estratégicas, também conhecido como o *New START* (sigla em inglês), ou *START-III*. Com essa iniciativa, a Rússia espera conseguir uma renovação do *START-III*, que expirará em 2021. O *Avangard*, que »

deverá entrar oficialmente em serviço em dezembro de 2019, foi utilizado nessa ocasião como uma ferramenta para trazer Washington à mesa de negociações.

Por outro lado, o *Kinzhal* é um míssil balístico ar-superfície hipersônico, elaborado com o intuito de superar sistemas de defesas antiaéreas e antimísseis de alvos navais e terrestres. Além de sua função militar e de dissuasão, o *Kinzhal* acaba servindo também como uma ferramenta geoestratégica de projeção de poder, consolidação geopolítica e de negação de área. Essas funções ficaram em evidência com o anúncio do primeiro teste desse míssil no Ártico, lançado a partir de um caça

*MiG-31K*, que ocorreu secretamente em novembro de 2019. Além do Ártico, especula-se que esse armamento já esteja alocado também no Mar Negro e no Báltico, três zonas de importância geopolítica em que a Rússia ambiciona ampliar sua influência.

Apesar da acentuada “unidimensionalidade” do poder russo, significativamente dependente de seu *hard power*, essas situações demonstram que o desdobramento das capacidades militares para outras áreas acaba servindo como uma fonte de compensação para a inserção internacional e influência diplomática da Rússia em níveis regional e global.

## LESTE ASIÁTICO

### Os principais impactos da mudança na estratégia marítima chinesa

Rodrigo Abreu

No dia 26 de novembro de 2019, a Marinha do Exército de Libertação Popular (PLAN, em inglês) sinalizou que levará adiante os planos para a construção de um novo porta-aviões, que seria o quarto do país a entrar em operação. A China conta, atualmente, com um porta-aviões operacional, um em fase final de testes e um terceiro em construção. O quarto porta-aviões deverá contar com catapultas eletromagnéticas — um avanço em relação aos dois primeiros — e, assim como os demais, propulsão a diesel. O programa de porta-aviões da China é um dos maiores exemplos da atual mudança da estratégia marítima chinesa.

Durante a década de 1990, a PLAN contava com meios navais defasados e de pequeno porte, representando, à época, a instância menos relevante das Forças Armadas da China. Entretanto, sob a presidência de Xi Jinping, a China assumiu o compromisso de se tornar uma potência naval, o que gerou uma grande evolução qualitativa e quantitativa da Marinha chinesa. Durante o ano de 2019, a PLAN finalizou a construção do primeiro contratorpedeiro da classe *Type 055*, lançou o primeiro porta-helicópteros da classe *Type 075* e avançou significativamente nos testes de seu segundo porta-aviões.

Essa mudança na estratégia marítima chinesa está associada a um esforço geoestratégico que visa permitir que Pequim projete poder no Oceano Pacífico e no Oceano Índico, assegurando suas rotas de comércio e forçando potências locais a visualizarem a China como potência hegemônica na região. Ademais, a mudança da estratégia marítima chinesa também está associada à concepção estratégica das duas cadeias de ilhas, que constituem uma das maiores ameaças a projeção de poder chinesa no Pacífico. As cadeias de ilhas são arquipélagos próximos ao litoral chinês e que estão majoritariamente sob controle de potências estrangeiras como o Japão,

Taiwan e os Estados Unidos.

Portanto, ao transformar lentamente sua Marinha em uma "Marinha de águas azuis", Pequim mostra-se capaz de reforçar suas posições no Mar do Sul da China e exercer pressão sobre Taiwan sem colocar em risco a estabilidade da região, o que vem beneficiando o crescimento econômico chinês. Além disso, ao reformular a sua Marinha, a China poderá ser capaz de restringir ações estrangeiras dentro da primeira cadeia de ilhas, o que aumentará consideravelmente o seu perímetro de defesa.



Fonte: Research Gate

## A importância da Indústria de Defesa na parceria indo-russa

Marina Corrêa

No dia 06 de novembro, o ministro da Defesa indiano, Rajnath Singh e o ministro da defesa russo, General Sergey Shoigu, co-presidiram a 19ª reunião da Comissão Intergovernamental de Cooperação Técnica Militar e Militar Índia-Rússia (IRIGC-M&MTC, em inglês), este ano realizada em Moscou. Ambos os lados acordaram em intensificar os esforços para finalizar o programa de cooperação 2021-2030, com Singh lembrando, ainda, a Cúpula de Vladivostok, ocorrida em setembro de 2019, como catalisadora da presente aproximação.

Dentre os projetos militares em questão está a assinatura de uma *joint venture* titulada *Indo-Russia Rifles Private Ltd.* para fabricação dos rifles *Kalashnikov AK 203*. Estes serão fabricados em território indiano e incorporados ao arsenal do Exército, principalmente pelos baixos custos promovidos. Ademais, recentemente, ocorreu o pagamento adiantado de 15% do sistema de defesa antimísseis russos, o *S-400 Triumph*, capaz de interceptar diferentes ameaças aéreas, parte do projeto de cooperação bilateral anunciado em outubro de 2018 e com um investimento total de US\$ 5,4 bilhões.

Arelado a estes armamentos, vale lembrar que em março do presente ano, Índia e Rússia assinaram

um Acordo Intergovernamental (IGA, sigla em inglês), concedendo o arrendamento de mais um submarino nuclear (terceiro até então) pelo governo indiano, com prazo de validade de 10 anos. O submarino é conhecido por *Chakra III* e faz parte da classe *Akula*. Contudo, até o comissionamento deste submarino, o *Chakra II* (*leased* em 2012) continuará fazendo parte da Marinha indiana, sendo possível, ainda, a renovação do contrato até 2027.

Essas inúmeras reuniões e projetos futuros fazem que os países mantenham uma relação diplomática vívida, estabelecendo uma aliança mais estável, sendo que em 2018 a Índia foi a maior compradora de armamentos russos, tendendo a continuar nesta liderança. Contudo, isso também representa uma relativa ameaça ao Paquistão e aos Estados Unidos. Ao primeiro, por conta da proximidade e rivalidade regional, além da disputa armamentista recorrente entre ambos. A incorporação do sistema *S-400* faz que este precise se modernizar e tenha capacidade de contra-atacar caso seja preciso. Para os EUA, essa parceria bélica põe em cheque sua liderança global, sobretudo uma vez que sua pressão sobre a Índia pela compra de armamento russo não foi bem sucedida.

## SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

### A Grande Muralha Marítima da China: o papel das Ilhas Artificiais

Vinicius Costa

Ascensão da República Popular da China (RPC) como potência é um dos principais fatos da contemporaneidade. Esse fenômeno está relacionado, entre outros fatores, à expansão e à modernização do seu poder marítimo, que foi remodelado ao longo de décadas por uma estratégia marítima meticulosamente organizada. Um dos principais elementos da estratégia marítima chinesa, e talvez o mais controverso, é a construção das famosas ilhas artificiais no Mar do Sul da China.

A construção das ilhas é crucial para a estratégia chinesa, tão importante quanto o desenvolvimento de sua Esquadra, e concatenam todo o esforço logístico e operacional para a força naval chinesa ser capaz de atender aos objetivos de Pequim. Atuando como plataformas de vigilância aeronaval e reconhecimento, oferecem uma consciência situacional marítima fundamental para a RPC organizar seu perímetro defensivo. Também podem

abrigar sistemas de mísseis balísticos e de cruzeiro, além de pistas de voo que lhes conferem capacidade de lançar aeronaves. Segundo especialistas, tais ilhas já atingiram um nível de capacidade operacional considerável.

Em termos jurídicos, as ilhas artificiais também servem para fortalecer as reivindicações de soberania de Pequim sobre quase toda a região do Mar do Sul da China ao garantir a construção de uma Zona Econômica Exclusiva no entorno destas, tendo acesso a vastas reservas de hidrocarbonetos e abundância de pescado, recursos que oferecem soluções ideais para os problemas de segurança energética e alimentar da RPC.

Evidentemente, tais ilhas são alvo de contestações de Estados vizinhos e dos EUA. No entanto, a resposta chinesa a tais críticas também obedece a um princípio estratégico milenar chinês. De acordo com Sun Tzu, um dos principais elementos da estratégia é a confusão ao »

redor da informação. No caso das ilhas artificiais, Pequim não expõe com clareza a finalidade delas, mas também não nega, permitindo que diversas narrativas conflitantes sejam levantadas e evadidas facilmente por Pequim. Isso

dificulta qualquer ação no campo jurídico-diplomático, ao passo que, militarmente, facilita a supremacia chinesa na região, incrementando sua capacidade de operar no Mar do Sul da China ofensivamente e defensivamente.

## ÁRTICO & ANTÁRTICA

### A extensão da Zona Econômica Exclusiva russa: velhas questões, novos desdobramentos

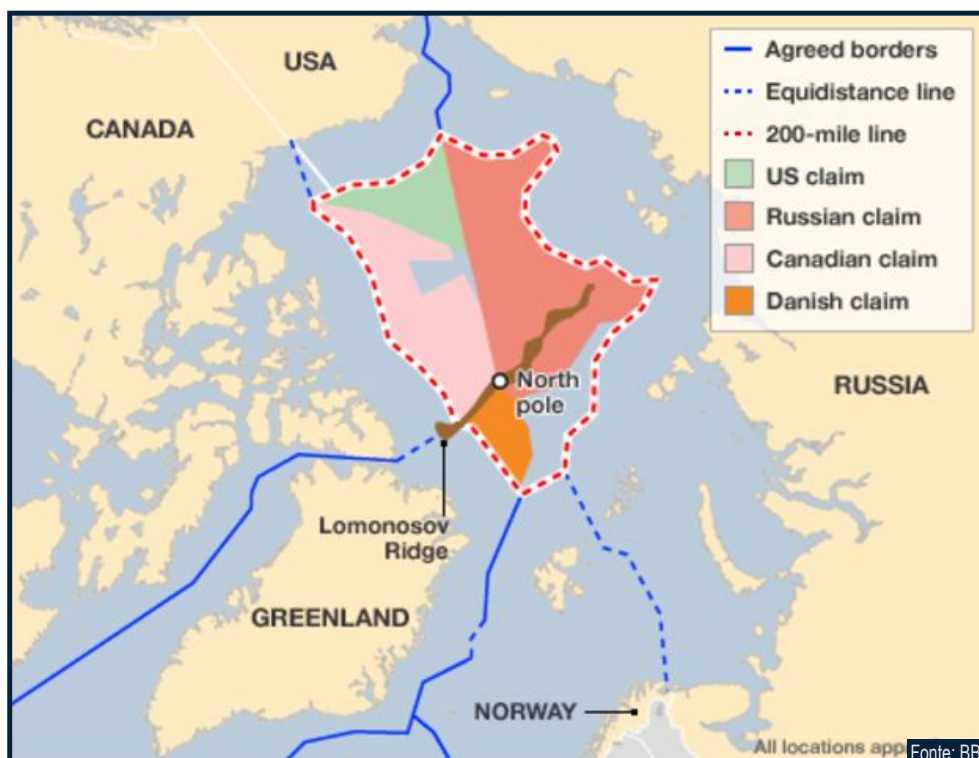
Pedro Silva

No dia 21 de outubro de 2019, o ministro da Defesa da Rússia declarou ter recebido dados que apoiavam o pleito russo de extensão da Zona Econômica Exclusiva até o Polo Norte, sob os termos estabelecidos na Convenção das Nações Unidas para o Direito do Mar (CNUDM) e pela Comissão de Limites da Plataforma Continental (CLPC). O vice-ministro dos Recursos Naturais, Denis Khramov, declarou, em 28 de novembro, que a CLPC aceitou como válidos os dados que indicam que as dorsais de Lomonosov e de Mendeleev são extensões naturais da plataforma continental russa, argumento basilar da sua reivindicação de extensão da Zona Econômica Exclusiva, sendo o país um dos primeiros a entrar com o pleito desde o estabelecimento do regime de direito do mar.

Tal pleito serve a três propósitos principais: confirmar o compromisso com as instituições e com a ordem mundial do pós-Guerra Fria, mas também preservar a influência sobre uma área reivindicada como parte do território russo desde o período soviético, além de garantir para o Estado russo os benefícios advindos do exercício dos direitos de soberania garantidos pela

CNUDM. Embora em um primeiro momento a medida tivesse viés securitário, novos fatores se somaram às tensões preexistentes.

O tráfego na Rota Marítima Norte aumentou 63% com relação a 2018 até o dia 15 de novembro de 2019. O volume de mercadorias transportadas na rota totalizou 26 milhões de toneladas até então, mais do que o volume total transportado em 2018, e há expectativas de que chegue a 30 milhões de toneladas até o final do presente ano. Além disso, o desenvolvimento de projetos como os de exploração de gás natural em Yamal e o desenvolvimento de capacidade de operação militar e defesa da região tem sido a linha mestra da atuação russa no Ártico, que, segundo a estratégia vigente até 2020 para esse espaço, deve se tornar uma base de recursos para a Federação Russa. Embora busque o reconhecimento internacional pelas vias jurídicas e institucionais existentes, a Rússia também procura estar na dianteira do desenvolvimento econômico e no aproveitamento estratégico do Ártico, o que futuramente poderá garantir, de fato, a influência e a soberania russa na região.



**A ameaça global da poluição por plásticos**

*Carlos Henrique Ferreira*

Em agosto de 2019, uma expedição de cientistas norte-americanos da *University of Rhode Island* constatou a presença de microplásticos no gelo do Oceano Ártico, em amostras retiradas do Estreito de Lancaster, no Canadá. A presença desses fragmentos de plástico, com tamanho aproximado de 5 milímetros, levantou a preocupação quanto à preservação de uma área até então considerada como livre de poluição, e a disseminação do poluente, encontrado tanto no gelo quanto na neve.

Os microplásticos podem se originar de duas formas, sendo a primeira quando liberados diretamente para o ambiente, como pequenas partículas provenientes de produtos cosméticos e de higiene, e da matéria-prima (*pellets*) que formam peças de plásticos maiores. A outra origem se dá pela degradação desses plásticos maiores, como sacolas e garrafas. Dessa forma, segundo dados do Parlamento Europeu, o primeiro grupo aparece de 15 a 31% nos oceanos, enquanto o segundo, de 69 a 81%. De acordo com um estudo publicado na revista *Marine Policy*, destaca-se que embora a poluição marítima

por plásticos maiores esteja diminuindo de maneira considerável, a poluição por microplásticos é irreversível.

Publicado no *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, outro estudo analisou a poluição por plástico da Ilha Inacessível (Arquipélago Tristão da Cunha, no Atlântico Sul), indicando que 75% dos elementos que chegam às praias da ilha têm origem asiática, principalmente da China. O artigo também conclui que os detritos são lançados ao mar pelo descarte ilegal de resíduos dos navios asiáticos, contrariando as regras da *International Convention for the Prevention of Pollution from Ships* (MARPOL).

Dessa forma, urge a necessidade de se elevar a discussão e a promoção de políticas de segurança marítima para questões que envolvam o uso sustentável do espaço marítimo, em especial as águas internacionais. Dada sua natureza global, deve-se olhar a poluição marítima sob a ótica da segurança ambiental e transnacional, uma vez que as consequências dessa atividade extrapolam as bandeiras que causam esse mal.



- ▶ [China Isn't the Soviet Union. Confusing the Two Is Dangerous.](#)  
THE ATLANTIC, Melvyn P. Leffler
- ▶ [A Common Theme of Global Unrest](#)  
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [The New Geography of Global Diplomacy](#)  
FOREIGN AFFAIRS, Bonnie Bley
- ▶ [How much does an island cost? Japan may soon buy one for US Navy training.](#)  
DEFENSE NEWS, Mike Yeo
- ▶ [Russian Trolls Are Hammering Away at NATO's Presence in Lithuania](#)  
DEFENSE ONE, Patrick Tucker
- ▶ [Antarctica tourism: the quest for Earth's vulnerable extremes](#)  
JAPAN TODAY, Pierre-Henry Deshayes
- ▶ [Eight Norms for Stability in Cyberspace](#)  
PROJECT SYNDICATE, Joseph Nye
- ▶ [Here's what you need to know about the US Navy's new deadly \(and expensive\) attack subs](#)  
DEFENSE NEWS, David Larter

## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

### DEZEMBRO

**12** Eleições na Argélia

**12** Eleições parlamentares no Reino Unido

**12-13** Cúpula do Conselho Europeu

### JANEIRO

**01** Nova política da IMO limitando o uso de enxofre em combustíveis de embarcações

**26** Eleições parlamentares no Peru

**31** Novo *deadline* para o Brexit

- **O Brasil modernizando sua Força de Submarinos**  
[Marinha do Brasil confirma intenção de vender submarinos da classe Tupi](#). Naval, 17 out. 2019. Acesso em: 15 nov. 2019.  
MARINHA DO BRASIL. [Nota à imprensa - submarinos classe tupi](#). Brasília, 10 jun. 2019. Acesso em: 15 nov. 2019.
- **Protestos na Colômbia: mais um fator de crise na América do Sul?**  
CHARLEAUX, João Paulo. [Como uma greve põe a Colômbia no mapa de revoltas do continente](#). Nexo Jornal, 22 nov. 2019. Acesso em: 23 nov. 2019.  
[Containing the Border Fallout of Colombia's New Guerrilla Schism](#). Crisis Group, Briefing nº 40. 20 set. 2019. Acesso em: 23 nov. 2019.
- **Um ano de López Obrador: aceno à iniciativa privada e crise na segurança pública**  
ABDALLA, Jihan. [AMLO's first year: Concern over security and economy looms](#). Al Jazeera News, 01 dez. 2019. Acesso em: 06 dez. 2019.  
MARTINEZ, Joel. [Why Mexico Is More Important Than Ever for America](#). The National Interest, 17 nov. 2019. Acesso em: 06 dez. 2019.
- **Interesse estadunidense em entrar na CPLP como membro observador**  
QUEIROZ, Augusto. [CPLP quer alterar estatutos aos membros observadores](#). Jornal de Angola, 04 dez. 2019. Acesso em: 05 dez. 2019.  
[EUA querem entrar na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa](#). Agência Brasil, 25 set. 2019. Acesso em: 04 dez. 2019.
- **Cooperação em defesa e a presença sino-russa no Atlântico Sul**  
FABRICIUS, Peter. [Exercise Mosi will see Chinese, Russian and South African navies work together](#). 2019. Acesso em: 03 dez. 2019.  
STANDISH, Reid. [Putin Has a Dream of Africa](#). 2019. Acesso em: 05 dez. 2019.
- **Narcossubmarino é apreendido pela primeira vez na Europa**  
BERLINGER, Joshua. [Spain seizes 'narco sub' carrying more than 3 tons of cocaine](#). CNN World, 25 nov. 2019. Acesso em 26 nov. 2019.  
SUTTON, H I. ["Not Unexpected: First Trans-Atlantic Drug Submarine"](#). Forbes, 26 nov. 2019. Acesso em: 03 dez. 2019.
- **Turquia insiste em explorar gás no Chipre e cria clima de tensão com a União Europeia**  
[EU targets Turkey's oil drilling off Cyprus coast](#). DW, 11 nov. 2019. Acesso em: 23 nov. 2019.  
GÜLTEKIN, Bahadır. [Cyprus talks cannot last forever: Turkish Cypriot PM](#). Hurriyet Daily News, 16 nov. 2019. Acesso em: 16 nov. 2019.
- **O posicionamento do Catar frente às inseguranças regionais e a proximidade com a Turquia**  
ALI, Idrees. [Qatar, Kuwait told U.S. they will join naval coalition, official says](#). Al Jazeera, 25 nov. 2019. Acesso em: 06 dez. 2019.  
[Erdogan: Turkey-Qatar military base serves regional 'stability'](#). Al Jazeera, 15 nov. 2019. Acesso em: 06 dez. 2019.
- **O Kinzhal, o Avangard e as forças estratégicas nucleares na inserção internacional da Rússia**  
STEFANOVICH, Dmitry. [U.S. Inspection of New Russian Missile May Revive Stalled Arms Control Talks](#). The Moscow Times, Opinion, 02 dez. 2019. Acesso em: 05 dez. 2019.  
[Источники: испытания гиперзвуковой ракеты "Кинжал" впервые провели в Арктике](#). Tass, 30 nov. 2019. Acesso em: 05 dez. 2019.
- **Os principais impactos da mudança na estratégia marítima chinesa**  
CHAN, Minnie. [Chinese navy set to build fourth aircraft carrier, but plans for a more advanced ship are put on hold](#). South China Morning Post, 28 nov. 2019. Acesso em: 05 nov. 2019.  
KAUSHAL, Sidharth; MARKIEWICZ, Magdalena. [Crossing the River by Feeling the Stones: The Trajectory of China's Maritime Transformation](#). RUSI, 14 out. 2019.
- **A importância da Indústria de Defesa na parceria indo-russa**  
[India made down payment on Russia's S-400 systems, report says](#). Daily Sabah Defence, 15 nov. 2019. Acesso em: 18 nov. 2019.  
[India and Russia mark their long-standing friendship with IRIGC-M&MTC meeting](#). New Delhi Times, 11 nov. 2019. Acesso em: 03 dez. 2019.
- **A Grande Muralha Marítima da China: o papel das Ilhas Artificiais**  
GOLDRICK, James. [What China Wants in the South China Sea](#). National Interest, 26 nov. 2019. Acesso em: 06 dez. 2019.  
[Artificial Islands](#). The Diplomat. Acesso em: 06 dez. 2019.
- **A extensão da Zona Econômica Exclusiva russa: velhas questões, novos desdobramentos**  
STAALESEN, Atle. [Russia is winning support for its claims on Arctic shelf, says chief negotiator](#). The Barents Observer, 28 out. 2019. Acesso em: 28 nov. 2019.  
STAALESEN, Atle. ["Shelf is ours"](#). The Barents Observer, 21 out. 2019. Acesso em: 24 nov. 2019.
- **A ameaça global da poluição por plásticos**  
ALISSON, Elton. [Ambientes marinhos e de água doce no Brasil sofrem com poluição por microplásticos](#). Agência FAPESP, jun. 2017. Acesso em: 25 out. 2019.  
VILLARRUBIA-GÓMEZ, P.; CORNELL, S. E.; FABRES, J. [Marine plastic pollution as a planetary boundary threat – The drifting piece in the sustainability puzzle](#). Marine Policy, out. 2018. Acesso em: 25 out. 2019.